

O que revelam duas sincronias sobre o português brasileiro

Apresentam-se considerações sobre aspectos da realidade linguística de uma parte da área do «subfalar baiano» (Nascentes 1953, 25), examinada em duas sincronias, a partir do que revelam o *Atlas Prévio dos Falares Baianos-APFB* (Rossi 1963), primeiro atlas linguístico referente ao português do Brasil que, neste ano de 2013, completa 50 anos de publicado, e os resultados dos inquéritos realizados para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), iniciados, nessa região, em 2003.

Descrito por Nascentes (1953, 25) como «intermediário entre os dois grupos», ou seja, entre o que denomina «subfalares do Norte» e «subfalares do Sul», o «falar baiano» compreende os estados de Sergipe, Bahia, parte Norte de Minas Gerais e parte Leste dos estados de Goiás e Tocantins. Para as três primeiras áreas, conta-se com atlas linguísticos produzidos com dados coletados entre as décadas de sessenta e oitenta do século passado, a saber: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi 1963), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al. 1977) e *Atlas Linguístico de Sergipe-I* (Ferreira et al. 1987). Desses atlas, toma-se para as considerações aqui postas, o APFB, cujos dados representam o que se passa a denominar de sincronia 1. Para o que se identifica como sincronia 2, são analisados dados do Projeto ALiB, atinentes a essa mesma área e de referência ao mesmo conjunto de localidades no Estado da Bahia.

Entendendo-se a importância dos estudos comparativos e o que podem revelar para o conhecimento da sócio-história de uma língua, busca-se, a partir dessas duas sincronias estabelecidas, encontrar os pontos de convergência e divergência. Embora reconhecendo que para uma comparação dessa natureza «Los datos deberían incluir evidencias de la misma población» (Chambers/Trudgill 1994, 208), acompanham-se esses mesmos autores quando afirmam que

Sin embargo, es posible hacer una comparación de los datos para una población en tiempo real rebajando de algún modo los niveles con respecto a la situación ideal antes citada. Si no podemos localizar a la misma población, sí es en cambio posible localizar en el área de la encuesta a una población que sea comparable a ésta. (Chambers/Trudgill 1994, 208).

Dessa forma, examinam-se aspectos léxico-semântico e fonético nessas duas sincronias. Tomam-se, para as considerações, no campo do léxico, ocorrências registradas para «terra umedecida pela chuva», e, no campo fonético, trata-se dos casos de africatação de /t/ e /d/ quando seguidos de /i/, inovação que delimita áreas dialetais brasileiras.

1. A área e a base de dados foco da pesquisa

Considera-se, para análise, uma área do território brasileiro, situada na parte Leste do país, denominada, do ponto de vista linguístico, «área dos falares baianos», segundo a proposta de áreas dialetais do português brasileiro apresentada por Nascentes (1953). Dividindo o país em duas grandes áreas, «falares do Norte» e «falares do Sul», esse autor reconhece uma região de caráter intermediário que denominou de «falares baianos» e que, do ponto de vista geográfico, se constitui dos territórios dos estados de Sergipe, Bahia, Tocantins, Goiás e Minas Gerais. Examinam-se os dados linguísticos cartografados no APFB e aqueles colhidos nos pontos comuns para a composição do banco de dados do Projeto ALiB.

1.1. A área geográfica considerada

O estado da Bahia, um dos 26 estados da federação que conformam o território brasileiro, localiza-se na Região Nordeste. Trata-se do primeiro ponto atingido pelos portugueses, em 1500, no momento em que aportaram na região de Porto Seguro e, assim, ‘descobriam’ o Brasil. Foi, até o ano de 1763, o centro político do país, pois aí se localizava a capital do Brasil, Salvador, que hoje detém, apenas, o título de capital do estado da Bahia.

Com uma área de 564.629 km², o estado tem uma população, segundo o censo de 2010, de 14.021.432 habitantes, distribuídos por 417 municípios (cfr. <www.suapesquisa.com/estadisbrasileiros/estado_bahia.htm>).

1.2. Os dados foco da pesquisa

Os dados foco da pesquisa pertencem ao *corpus* do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, dos quais se informa, de maneira simplificada, o seu modo de constituição e de seleção para este trabalho.

1.2.1. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) tem como autor Nelson Rossi e colaboradoras principais Carlota Ferreira e Dinah Isensee e foi feito e publicado entre 1960 e 1963 (Rossi 1963). Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais, treze das quais coincidentes com os pontos, num total de 30, sugeridos por Nascentes nas suas *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958; 1961), e nove coincidentes com os pontos do Projeto ALiB, que, no estado, tem uma rede constituída de vinte e duas localidades. Como se apresenta no Quadro 1, há um conjunto de nove pontos coincidentes entre a rede APFB e a rede ALiB, no estado da Bahia.

LOCALIDADES		
APFB n°	Nomes	ALiB n°
09	Santa Cruz Cabrália	101
13	Jeremoabo	82
24	Vitória da Conquista	98
27	Jacobina	86
29	Itaberaba	90
35	Caetité	96
42	Barra	84
44	Santana	92
45	Carinhanha	97

Quadro 1 - APFB e ALiB: localidades comuns

Nos inquéritos para o *APFB*, as respostas foram anotadas imediatamente, após ouvidas do informante, em transcrição fonética, usando-se, assim, o método direto, pela dificuldade de contar, àquela altura, com gravadores portáteis e com autonomia de corrente. Os informantes, em número de 100, contemplam ambos os sexos, são analfabetos ou semi-alfabetizados.

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas, assim distribuídas: 198 cartas linguísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados complementares de caráter geral. As cartas linguísticas vêm acompanhadas de notas que contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes.

O *APFB*, ao lado dos dados estritamente linguísticos, traz nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam. Complementarmente, introduz o *APFB*, ao lado das cartas majoritariamente onomasiológicas, cartas semasiológicas, que, partindo da forma, assinalam os diferentes significados de que se reveste na área considerada.

1.2.2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), empreendimento de grande amplitude, tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa.

Concebido como um projeto nacional, a sua execução não vem de encontro aos atlas regionais nem se interpõe como obstáculo à continuidade de investida nessa

dimensão geográfica. Ao contrário, é consensual o entendimento de que os atlas regionais foram e continuam sendo do maior interesse. Está direcionado para atingir quatro grandes objetivos:

- (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas;
- (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna;
- (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;
- (iv) por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Para recobrir todo o país, estabeleceu-se uma rede de pontos constituída de 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área. Os informantes, num total de 1.100, devem ser filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mantendo-se o controle de variáveis sociais tais como idade, gênero e escolaridade. O número total atinge a casa dos 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos — e contemplando os dois gêneros. Nas capitais de Estado, são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de gênero e faixa etária. De referência ao questionário linguístico, está prevista a aplicação de três tipos de questionário direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos:

- (i) fonético-fonológico — 159 perguntas, às quais se juntam questões de prosódia, voltadas para a apuração da realização de frases afirmativas, interrogativas e imperativas;
- (ii) semântico-lexical — 202 perguntas;
- (iii) morfossintático — 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se:

- (iv) questões de pragmática — 4 perguntas;
- (v) temas para discursos semidirigidos — relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal;
- (vi) perguntas metalinguísticas — 6 perguntas;
- (vii) texto para leitura — a *Parábola dos sete vimes*.

A dimensão do projeto — cobrir uma área de 8.515.767 km² — e a necessidade de não se estender no tempo, prolongando-se por muitos anos, têm exigido medidas que possam viabilizar a sua execução sem prejuízo dos princípios metodológicos definidos.

No momento, o Projeto ALiB tem concluída a constituição do *corpus* e se empreende a etapa de publicação de resultados com os três primeiros volumes em curso.

2. O que revelam duas sincronias sobre o português brasileiro

As considerações que a seguir se fazem têm por base de dados as informações cartografadas tanto no APFB, nas nove localidades coincidentes, conforme indicado no Quadro 1, quanto nas respostas obtidas nos inquéritos realizados para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB.

2.1. Denominações para terra umedecida pela chuva

A ‘descoberta’ da denominação *sarolha* para «terra umedecida pela chuva, terra levemente molhada», na Bahia, é contribuição do APFB que exhibe, na Carta 22, a presença generalizada da forma, em território baiano. Seu uso foi posteriormente atestado, com o mesmo sentido com que ocorre na Bahia, pelos dados publicados no *Atlas Linguístico de Sergipe-I* (Ferreira et al. 1987), Carta 23, e no *Atlas Linguístico de Sergipe-II* (Cardoso 2005), Carta 52, em que *sarolho* se estende a outro referente, ou seja, tipo de beiju, molhado com leite de coco, mostrando, assim, a vitalidade da forma e a sua expansão semântica em área sergipana.

Dessa documentação trataram Cardoso/Rollemborg, num primeiro momento, em 1987, texto republicado em 1994, para dar conta da vitalidade de *sarolha*, registrada 49 vezes, sob diferentes variantes fonéticas, e presente em 30 dos 50 pontos inquiridos, do estado da Bahia, e retomam, as mesmas autoras, em 2009, para considerações em que relacionam dados da Bahia e de Sergipe, a partir de seus respectivos atlas, aos dados do Projeto ALiB sobre a área dos falares baianos e regiões adjacentes, disponíveis àquela altura.

O interesse expresso por essa forma decorre do fato de na área do estado da Bahia e, presentemente, em outras áreas, conforme revelam dados do ALiB, *sarolho(a)* se apresentar com o mesmo valor semântico com que ocorre no seguinte passo do *Livro da Montaria* de D. João I:

E pois que o começamos a ensinar, sabede, que a terra do barro, ou lama que seia **çorolha** [grifo nosso], que nom seia solta, estas terras fazem parecer os rastros grandes, posto que sejam mais pequenos, e as areas soltas, e a lama a também solta, estas fazem pareceros rastros pequenos, posto que sejam grandes; e esto porque no passarque o porco passa polia area, tanto que passa, logo o rastro çarra da area polia sua soltura: e a ainda que a area se nom çarra per si meesma, mais se faz uento, pollo seu correr tambem faz correr as areas, e çarram os rastros, que ainda que sejam grandes, fazeos parecer pequenos. (Pereira 1918, 150)

Essa passagem, no entanto, pareceu pouco clara a Serafim da Silva Neto que assim a comentou:

Não nos parece de todo claro este passo do antigo Mestre de Aviz; cremos, contudo que *çorolha* há de pertencer à mesma base do transmontano *acerolhar*, «secar», (cf. Pe. Firmino A. Martins, *Folklore do concelho de Vinhais*, Coimbra, 1928, pág. 344), o minhoto *cerolha* e *zarolha*, «se dizem da roupa mal enxuta, de *zarolho* (serra de Albardos, concelho de Alcaneira: cf. *Rev. Lus.* XXXVI, 166, «trigo que não está ainda bem seco», do alentejano *sorolhento*, «mal sazonado, verde». (Silva Neto 1979, 420)

A dificuldade manifesta por Serafim da Silva Neto parece dirimir-se com os dados tanto do APFB como do ALiB onde a forma ocorre, exatamente, com o sentido de levemente molhada, tal como a utilizou D. João I.

A ‘descoberta’ dessa forma pelo APFB e a ratificação do seu uso, ainda no século XXI, pelos dados do ALiB, tornam procedentes as considerações de cunho histórico expressas por Cardoso/Rolleberg:

A ocorrência de *sarolha* nessa área dos falares baianos e na mesma acepção usada por D. João I leva-nos a chamar a atenção para a importância que pode vir a ter essa forma, se reunida a um elenco de outras de igual interesse, para o estudo da história do português no Brasil, no que se refere às suas ligações com os falares regionais de Portugal, com base nos dados internos da língua que se pudessem conjugar às informações da história externa. (Cardoso/Rolleberg 2009, 279)

Motivados pelo interesse da forma, nesta comunicação, concluída a constituição do *corpus* ALiB no estado da Bahia, retomam-se os dados do APFB para confrontá-los com a realidade atual esboçada pelos inquéritos recentemente feitos para o atlas linguístico do Brasil e de referência a esse mesmo estado. Assim, (i) parte-se do estabelecimento de duas sincronias a serem consideradas, (ii) tomam-se os pontos da rede abordados nos dois momentos, (iii) procede-se à comparação dos resultados obtidos e (iv) conclui-se sobre o que o decurso de tempo propiciou sobre a vitalidade ou não da forma em questão.

A recolha da documentação referente ao APFB e a sua publicação decorrem no período que vai entre 1960 e 1963, portanto no início da década de 60, no século XX. Os dados do ALiB relativos ao estado da Bahia foram coletados entre 2003 e 2011. O espaço de tempo entre ambos fica por volta de 40 anos, período no qual se processaram mudanças significativas no estado, como, aliás, em toda parte, particularmente no que diz respeito: ao índice populacional; à expansão de rodovias, à difusão dos meios de comunicação; à ampliação da rede de telefonia. O que se há de ter passado com relação ao uso de *sarolha* nesse decurso de tempo?

O APFB, como já indicado, tem uma rede de pontos constituída de 50 localidades enquanto a rede do ALiB, nessa mesma área, está formada por 22 pontos. Verifica-se que, confrontadas as duas redes de pontos, nove pontos são coincidentes, como se mostra no Quadro 1.

O exame dos resultados nesse conjunto de nove localidades revela a presença de *sarolha* ou *sarolhada* em cinco pontos do APFB — Jeremoabo, Jacobina, Itaberaba, Barra e Carinhanha — dos quais os quatro primeiros apresentam o registro da forma também nos dados do ALiB, como exhibe o Quadro 2.

Nos pontos onde não se registrou *sarolha/sarolhada*, tanto na primeira como na segunda das sincronias consideradas, foram documentadas as unidades lexicais *úmida* e *barrufada*, tanto no APFB como nos dados do ALiB, observando-se que em Carinhanha registrou-se, em ambas as sincronias, *barrufada*, além de *úmida*, para a sincronia dois.

APFB: <i>sarolha</i> e outras respostas	LOCALIDADES			ALiB: <i>sarolha</i> e outras respostas
	APFB nº	Nomes	ALiB nº	
<i>úmida</i>	09	Santa Cruz Cabralia	101	<i>úmida</i>
<i>sarolha</i>	13	Jeremoabo	82	<i>sarolha</i>
Sem resposta	24	Vitória da Conquista	98	<i>úmida</i>
<i>sarolha</i>	27	Jacobina	86	<i>sarolha</i>
<i>sarolha</i>	29	Itaberaba	90	<i>sarolha</i>
<i>barrufada</i>	35	Caetitê	96	<i>úmida, barrufada</i>
<i>sarolhada</i>	42	Barra	84	<i>sarolha</i>
Sem resposta	44	Santana	92	<i>úmida</i>
<i>sarolhada</i>	45	Carinhanha	97	<i>úmida</i>

Quadro 2 - Denominações para «Terra umedecida pela chuva», na Bahia, segundo o APFB e o ALiB

O confronto entre as duas sincronias consideradas revela que se o uso de *sarolha/sarolhada* não se expandiu, também não se pode dizer que tenha sofrido significativa regressão, fato do qual se pode inferir que a forma de cunho arcaizante continua viva pelo menos onde já se tinha registrado na década de 60 do século XX.

2.2. A africatação do /t, d/ diante de [i] em áreas do falar baiano

As variantes africadas ou oclusivas palatalizadas diante de [i] caracterizam algumas áreas brasileiras, quer como realizações categóricas, quer em alternância com as realizações dentais [ti, di], tanto nos contextos do tipo *tio, dia*, quanto naqueles em que a realização vocálica alta resulta do alçamento da vogal média átona, especialmente, em posição final, como em *tarde, noite*.

Considerando que as variantes palatalizadas gozam de maior prestígio no português do Brasil, procura-se observar, passados aproximadamente 40 anos, se há indícios de mudança em curso em direção a essas variantes, na área pesquisada.

Os vocábulos selecionados para o confronto entre as duas sincronias são os que se encontram em cartas do APFB e nos inquéritos do Projeto ALiB, nas nove localidades mencionadas, a saber:

- a) para a variante surda, os vocábulos *prostituta, sutiã, tresanteonte(m)* e *dente queiro*, que se encontram nas cartas 108 (“Prostituta”), 68 (“Soutien”), 8 (“Trás-ante-ontem”) e 55

(“Dente do siso”) do APFB, e correspondem às questões 142, 188, 038 e 098, do QSL do Projeto ALiB, respectivamente;

- b) para a variante sonora, *diarista e velide*, nas cartas 23 (“Trabalhador de enxada”) e 94 (“Catarata”) do APFB e nas questões 061 e 096 do QSL do Projeto ALiB, respectivamente.

Quanto à baixa frequência das variantes palatais no APFB observa Mota (1998, p. 478-479):

No APFB há apenas 32 transcrições de africada palatal surda, na sílaba [tʃi] das formas *tresanteonte* (carta 8), *rodete*, *bolinete* (carta 55), *araticum* (carta 41), *sentida* (carta 43), *dente queiro* (carta 55), *cangote* (carta 565), *sutiã* (carta 68), *sapatina* (carta 71), *caçote* (carta 127), *mamote* (carta 135) e *tolete* (carta 29, nota).

Da africada sonora há 13 ocorrências, na sílaba [dʒi] das formas: *mandiba* (carta 29), *pevide* (carta 32), *cabide* (carta 70), *olhos de boto* (carta 76), *cabo verde* (carta 81), *velide* (carta 94), *desorde(m)* (carta 143). (Mota 1998, 478-479)

Restringindo-nos às nove localidades coincidentes, encontra-se, no APFB, o reduzido índice de seis ocorrências de variantes palatais — africadas ou oclusivas palatalizadas —, em cinco dos vocábulos acima citados: *araticum*, *dente queiro*, *rodete*, *sapatina* e *velide*. Essas ocorrências se localizam no extremo Sul do Estado, em Santa Cruz Cabrália, e no Centro Sul, em Caetité. Mas são as dentais, algumas vezes identificadas como “apical, particularmente tensa”, que predominam em toda essa área.

Nos inquéritos realizados para a constituição do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, como se verifica nas Tabelas 01 e 02, são as variantes palatais que predominam, em todas as localidades, tanto nos casos do tipo *sutiã*, *prostituta*, *diarista*, quanto naqueles em que o [i] resulta da elevação da vogal média /E/, como em *trasanteontem*, *dente* e *velide*.

Com relação à variante surda, do total de 47 ocorrências, 34 (72%) realizaram-se como palatais e apenas 13 (28%), como dentais. Quanto às sonoras, das 23 ocorrências documentadas, 5 (22%) realizaram-se como dentais e 18 (78%), como palatais. cf. Tabelas 01 e 02.

LOCALIDADES / INFORMANTES	/t/ + [i]							
	[ti]				[tʃi]			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Sta. Cruz Cabrália					x	x	x	x
Jeremoabo			x	x	x	x	x	x
V. da Conquista				x	x	x	x	x
Jacobina	x		x	x	x	x		x
Itaberaba		x			x	x	x	x
Caetité					x	x	x	x

Barra			x	x	x	x	x	x
Santana	x			x	x		x	x
Carinhanha			x	x	x	x	x	x
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	2	1	4	6	9	8	8	9
	3		10		17		17	
	13 (28%)				34 (72%)			
	47							

Tabela 01 – variantes surdas dentais e palatais

LOCALIDADES / INFORMANTES	/d/ + [i]							
	[di]				[dʒ]			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Sta. Cruz Cabralia					x	x		x
Jeremoabo				x				
V. da Conquista							x	x
Jacobina			x		x			x
Itaberaba								x
Caetité						x		x
Barra		x		x	x	x	x	
Santana							x	x
Carinhanha			x		x	x	x	
TOTAL DE OCORRÊNCIAS		1	2	2	4	4	4	6
	1		4		8		10	
	5 (22%)				18 (78%)			
	23							

Tabela 02 – variantes sonoras dentais e palatais

Verifica-se, também, uma distribuição etária indicadora da mudança que vem ocorrendo nessas localidades, com maior frequência das dentais na fala dos informantes de faixa etária II: 10 ocorrências da variante surda e 4 da sonora nos informantes da segunda faixa e apenas 04 ocorrências, três surdas e uma sonora, nos informantes mais jovens.

Por outro lado, deve-se observar que algumas denominações documentadas no APFB estão escassamente presentes nos inquéritos do ALiB, tendo sido substituídas por vocábulos de maior prestígio, introduzidos pelo contato com outras populações, inclusive através da mídia, e pelo aumento no índice de escolarização dessas localidades. Exemplificam esses casos os vocábulos *velide* para *catarata* e *tresanteontem / ternanteontem* para o dia anterior ao de *anteontem*.

3. Para concluir

Com relação às variantes palatalizadas para o /t,d/ diante de [i], embora, em análise preliminar, restrita a número reduzido de localidades, pode-se observar que, em geral, os dados analisados mostram, hoje, maior frequência do que a observada anteriormente, confirmando a tendência à mudança que se configura como mudança «de cima para baixo» (Labov 1972), em direção às variantes africadas, inovadoras no português do Brasil, mais prestigiadas.

No que concerne, porém, à ocorrência de *sarolha/sarolhada* para «terra ume-decida pela chuva», o confronto entre as duas sincronias revela que, nada obstante o caráter arcaizante de que se reveste a forma, o seu uso permanece sem indicar preferência de época, não refletindo, assim, alterações que o tempo e as condições culturais poderiam condicionar.

A análise dos dados do ALiB referentes a todas as localidades, após a publicação dos dados das capitais de Estados, que constituirão os primeiros volumes, ao trazer novos elementos ao confronto entre as duas sincronias, poderá subsidiar, também, a discussão sobre as modificações que vêm se operando, no português do Brasil, nos diferentes níveis da língua, e as causas que as motivam.

Universidade Federal da Bahia, CNPq
Universidade Federal da Bahia, CNPq

Jacyra Andrade MOTA
Suzana Alice Marcelino CARDOSO

Referências bibliográficas

- Aulete, J. Caldas, 1980. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Delta, 5 vol.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino, 2005. *Atlas lingüístico de Sergipe-II. Introdução às cartas*, Salvador, EDUFBA. 2 vol.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino/Rollemborg, Vera, 1972. «A vitalidade de *sarolha* nos 'falares baianos'», *Universitas. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia* 13, 241-249.
- Cardoso, Suzana/Rollemborg, Vera, 1994². «A vitalidade de *sarolha* nos falares baianos», in: Ferreira, Carlota et al. (ed.), *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*, Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 43-51.

- Cardoso, Suzana/Rolleberg, Vera, 2009. «E a (nossa) terra continua sarolha? », in: Ribeiro, Silvana Soares Costa et al. (ed.), *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*, Salvador, EDUFBA, 263-282.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB (Brasil), 2001. *Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001*, Londrina, Ed. UEL.
- Chambers, J. K./Trudgill, Peter, 1994. *La dialectología*, Madrid, Visor Libros.
- Ferreira, Carlota et al., 1987. *Atlas lingüístico de Sergipe-I. Cartas I-XI, 1-156*, Salvador, Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- Figueiredo, Cândido de, 1949. *Novo dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Bertrand, 2 vol.
- Houaiss, Antônio/Villar, Mário de Salles, 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Objetiva.
- Labov, William, 1972. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Mota, Jacyra Andrade, 1998. «Variantes palatais do português do Brasil», in: Ruffino, Giovanni (ed.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Tübingen, Max Niemeyer, vol. 5, 475-483.
- Nascentes, Antenor, 1953. *O linguajar carioca*, Rio de Janeiro, Organização Simões.
- Nascentes, Antenor, 1958-1961. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 2 vol.
- Pereira, Francisco Maria Esteves (ed.), 1918. *Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, <www.archive.org/details/livrodamontariaf00johnuoft>.
- Ribeiro, José et al., 1977. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Rossi, Nelson, 1963. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro.
- Silva Neto, Serafim da, 1979. *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro/Brasília, Presença/INL.
- Silva, Antônio de Moraes, 1949. *Grande dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Confluência, 12 vol.

